



CBPF - CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS
Rio de Janeiro

Ciência e Sociedade

CBPF-CS-007/14

junho 2014

Sonhando com uma escola menos conservadora e mais crítica

Francisco Caruso

Ministério da
**Ciência, Tecnologia
e Inovação**



Sonhando com uma escola menos conservadora e mais crítica Dreaming with a less conservative and more critical school

Francisco Caruso

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF

Rua Dr. Xavier Sigaud, 150, Rio de Janeiro, RJ e

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – Rua São Francisco Xavier,
524 - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - Cep 20550-900

O artigo resume a ideia central do texto lido pelo autor na cerimônia de sua posse na Academia Brasileira de Filosofia, em 28 de novembro de 2013, com o qual se faz um convite à reflexão sobre os caminhos que a Educação, e em especial a Escola, vêm trilhando em nosso país.

Ao tomar posse na cadeira de número 33 da Academia Brasileira de Filosofia, que foi ocupada pelo jurista, filósofo e escritor Paulo Mercadante e cujo Patrono é o também jurista, filósofo e historiador brasileiro Clóvis Bevilacqua, é praxe saudá-los antes de qualquer outra coisa. Escolhi fazer a saudação apontando aspectos de suas obras que, de alguma forma, estão relacionados ao tema da Educação em sentido lato que pretendo abordar em seguida.

Mercadante, juntamente com Miguel Reale, Djacir Menezes, Antônio Paim, e tantos outros intelectuais, integrou a Escola Culturalista, que teve importante papel no desenvolvimento contemporâneo da filosofia no país, tornando-se, por exemplo, a principal animadora do Instituto Brasileiro de Filosofia [1].

Tal Escola desempenha um papel aglutinador ao defender a pluralidade de perspectivas em Filosofia, ao assumir o compromisso de estimular o debate filosófico e, em minha opinião, ao trazer ao debate a sempre presente problemática ética. Ainda citando Paim, “justamente a discussão e o confronto de pontos de vista permite[m] o aprofundamento da consciência dos problemas que consiste na missão precípua dos filósofos em nosso tempo”. É acreditando nesses valores que Mercadante escreve seu famoso livro *A Consciência Conservadora no Brasil* [2], cuja quarta edição vem acompanhada de um excelente ensaio inicial de Nelson Mello e Souza. A tese central do livro é de que a *conciliação* tem sido o traço constante e básico do comportamento político dos conservadores no Brasil. Independentemente dos detalhes, que não cabem ser aqui ressaltados, quero apenas dizer que o autor nos oferece um diagnóstico extremamente útil para qualquer um que deseje pensar caminhos alternativos para o Brasil.

Quanto a Clóvis Bevilacqua, um dos juristas mais respeitados em todo o país, foi convidado, em 1899, a escrever o código civil brasileiro, aprovado em 1916 e que passou a vigorar em 1917, sendo substituído apenas em 2002. Lauro Romero, em sua biografia [3], refere-se assim ao biografado:

“Clóvis Bevilacqua tinha uma habilidade incedível para assimilar o que havia de bom [em] ideias novas, para pesar o valor de uma concepção, para por o dedo no ponto vulnerável de uma doutrina, embora a sua modéstia inenunciável o inibisse de ser um inovador, no

sentido de formular uma síntese que constituísse uma nova doutrina filosófica inteiramente sua. Não foi um filósofo criador, original. Mas se o filósofo fosse a persistência na meditação, se fosse uma longa paciência na observação do mundo e da humanidade, se fosse a concentração das forças intelectuais na mesma ideia útil, no mesmo intuito altruístico, se fosse o trabalho sempre constante, nunca interrompido, mesmo com sacrifício físico, a dedicação extremada, absoluta, pela causa da ciência, ele teria sido um filósofo, em todo o peso da palavra, porque melhor do que ninguém teve a faculdade eminentemente vantajosa de sintetizar, entre nós, os sentimentos e as aspirações de uma época”.

Quero ainda destacar que esta mente crítica e sempre aberta ao novo envolveu-se com a edição obra enciclopédica *Tesouro da Juventude*, determinante na formação de gerações de jovens no Brasil durante um bom tempo. Com seu prefácio, Bevilacqua deu aval à obra e, sobretudo, mostrou-se preocupado e, de certa forma, responsável pela difusão de conhecimento entre os jovens. Nessa linha, é difícil não se lembrar de *Viagem ao Céu*, livro infantil de Monteiro Lobato, originalmente lançado em 1932, que oferece ao jovem leitor algumas lições de Astronomia de forma prazerosa. É de homens assim, e com esse compromisso com a formação de novas gerações, que precisamos, pois, como disse uma vez Demócrito, “o pior de todos os males é a leviandade no educar a juventude”.

Concluindo essa brevíssima referência ao meu antecessor e ao patrono da cadeira, quero destacar que neles me inspiro para continuar tentando entender os problemas históricos e estruturais que afligem a educação nesse país, e para perseverar em diversas ações que venho desenvolvendo no sentido de aproximar a Academia e a Universidade dos outros segmentos educacionais, pois, como disse uma vez o escritor britânico Herbert George Wells, “estamos em uma corrida entre a educação e a catástrofe” [4]. Disso não há dúvida. Assim, o livro de Mercadante aqui citado pode nos levar a compreender como essa “consciência conservadora” estaria traduzida ou enraizada em uma “escola conservadora”.

No instigante livro *A corrosão do caráter*, o sociólogo Richard Sennett nos dá um alerta importante que não deve

ser negligenciado [5]. Sua premissa é que o modo de sobrevivência na economia moderna pode colocar a vida emocional das pessoas à deriva. Estamos todos expostos a uma forte tendência de se “*reinventar decisiva e irrevogavelmente as instituições, para que o presente se torne descontinuo com o passado*”. Justifica-se, assim, a dificuldade de os indivíduos construir suas próprias histórias, a partir de suas experiências profissionais e de seus laços de dependência com outros indivíduos. Uma consequência direta deste fato é que as pessoas tendem a viver apenas o presente. Sonhar passa a ser mais difícil, quando as incertezas de se conseguir manter o que se conquistou profissionalmente se tornam significativas. A enorme flexibilização do trabalho, por um lado, busca uma adaptação rápida à sempre crescente volatilidade da demanda do consumidor e, por outro, implica a aceitação de que “*não há longo prazo*”. Acredito, assim como Sennett, que tal expressão contém o princípio da corrosão de valores como a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. Desse modo, o espectro da volatilidade se alarga, extrapola as fronteiras da Economia, e se infiltra nas relações sociais. Além disso, ele ressalta que, na área familiar, esta expressão significa “*mudar, não se comprometer e não se sacrificar*”.

Em minha opinião, não há como desvincular essa tendência de corrosão do caráter, de grande impacto social, ético e moral, de uma particular concepção de Escola, assunto que já abordei em outro artigo [6]. Não há também como crer que a própria Escola não sofrerá um processo de corrosão. Se isto é verdade – o que seria triste –, estamos presenciando um processo de amplificação dessa corrosão do caráter a partir da escola, que acabará retroalimentando o processo de degradação do caráter, criando um círculo vicioso nefasto.

Vejo, há muito, reflexos evidentes desse processo na Universidade na qual dou aula e no contato frequente com vários adolescentes do ensino médio. A ideia de que o aprendizado deva necessariamente envolver esforço parece, hoje em dia, uma ficção, ou mesmo uma fantasia. Os alunos não estão dispostos a fazer sacrifícios, a fazer exercícios ou mesmo a lerem sobre o que estão aprendendo. Mas, obviamente, não se pode por a culpa só neles. A escola, desde cedo, tem sido incapaz de formar essa conscientização no jovem, tampouco é capaz de despertar o hábito da leitura, essencial para a boa formação de qualquer cidadão [6]. Também a Escola se tornou superficial. Aliás, “superficial” é uma palavra que designa bem os dias de hoje, quando se vê que os jovens não namoram mais, apenas “ficam”, denotando que, mesmo no campo afetivo-amoroso, se aceita como premissa que “não há longo prazo”. Independente do nível de escolaridade há que se admitir que os padrões de qualidade e de dificuldade têm diminuído significativamente no último século. Sennett, analisando a flexibilização do trabalho, vê um terrível paradoxo no fato de que “*quando diminuímos a dificuldade e a resistência, criamos as condições mesmas para a atividade acrítica e indiferente por parte dos usuários*”. Creio que o mesmo se aplique à Escola. Estamos formando, pois, alunos acríticos que serão consumidores ideais.

Sonhar com uma nova Escola é algo imprescindível. Não tenho a ilusão de que minha geração assistirá à implantação

de uma nova Escola no Brasil, mas temos obrigação de continuar criticando-a e apontando novos caminhos para quando houver uma nova “consciência transformadora” em nosso país. Isto porque, segundo meu querido e saudoso amigo, o físico José Leite Lopes, esse clima de desconfiança e desestímulo [com relação à Escola e à Ciência] um dia vai acabar. Enquanto isso, sonhemos!

Mas voltemos ao sonho. Em [7], os autores argumentam que educar, mais do que nunca, depende da capacidade de fazer o aluno sonhar, e que essa capacidade e o ato criativo estão fortemente imbricados. E, como disse o filósofo Gaston Bachelard, “o sonhador não consegue sonhar diante de um espelho que não seja *profundo*” [8], e a Filosofia e a Ciência podem e devem dar suporte a esse espelho. “É fundamental que seja o educador a dar profundidade a esse espelho, através de sua própria imagem, reflexo de um conjunto de valores e saberes adquiridos. É ele que deverá motivar seus alunos a sonharem, sob pena de levá-los à frieza da incredulidade” [7], ou, podemos ainda acrescentar, levá-los à indiferença.

Outro ponto que gostaria de abordar muito brevemente refere-se às questões filosóficas que a Ciência e a Matemática têm levantado. Ao “sei que nada sei” de Sócrates, Werner Heisenberg acrescenta algo como “sei que não saberei”, a partir de seu famoso princípio da incerteza. A Mecânica Quântica aponta para uma nova epistemologia. Na Matemática, o famoso teorema da incompletude de Kurt Gödel nos diz, por exemplo, que qualquer teoria axiomática recursivamente enumerável e capaz de expressar algumas verdades básicas de aritmética não pode ser, ao mesmo tempo, *completa e consistente*. Ou seja, sempre há, em uma teoria consistente, proposições verdadeiras que *não podem ser demonstradas nem negadas*. Se a Revolução Copernicana retirou o homem do centro do Universo, com grande impacto sobre a Filosofia, a Física e a Sociologia, o período entre 1925 e 1935 forja um novo observador da Natureza, muito mais limitado do que o observador que resultou da Revolução Newtoniana. Abalam-se as concepções deterministas da Ciência e da Filosofia, e a *incerteza* é incorporada ao conhecimento, sem que isso resulte em uma salutar humildade intelectual. Faz-se necessário pensar uma nova Pedagogia que contemple as incertezas.

Assim, embora a grande maioria dos físicos hoje em dia insista em praticamente negar qualquer relação entre Ciência e Filosofia, é, por outro lado, inegável, do ponto de vista da história das ideias, que sempre houve uma relação muito próxima entre esses ramos do conhecimento. Não esqueçamos que os surgimentos da *Physis* e da Filosofia pré-socrática estão para sempre imbricados. Considero-me, portanto, um físico diferente, pois acredito que essa proximidade com a Filosofia é necessária e frutífera, reconhecendo que ela se reflete no meu trabalho acadêmico. Tenho, assim, buscado superar fronteiras rígidas, que não deveriam existir entre aqueles que se dedicam à atividade intelectual, procurando interlocutores interessados na interdisciplinaridade e cientes do compromisso social da Ciência e da intelectualidade. Sem dúvida, aqui na Academia encontro um clima muito propício para dar uma nova dimensão às preocupações que busquei aqui resumir.

-
- [1] Antônio Paim: *História das Ideias Filosóficas no Brasil*. Editora Convívio/INL, 3ª Edição, 1984.
- [2] Paulo Mercadante: *A Consciência Conservadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 4ª Edição, 2003.
- [3] Lauro Romero: *Clóvis Bevilacqua*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1956.
- [4] *Apud* Paulo Ronái: *Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1995.
- [5] Richard Sennett: *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Editora Record, 10ª edição, 2005.
- [6] Francisco Caruso: Corrosão do caráter... e da escola. *Ciência e Sociedade* CBPF CS-001/2010. Republicado em Francisco Caruso: *E-mail a um jovem estudante: [assunto: educação, ética e ciência]*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010, p. 39-45.
- [7] Francisco Caruso & Maria Cristina Silveira: Educar é fazer sonhar. *Princípios*, São Paulo, v. 83, p. 67-72, fev.-mar. 2006.
- [8] Gaston Bachelard: *A Terra e os Devaneios do Repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 157.

Pedidos de cópias desta publicação devem ser enviados aos autores ou ao:

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
Área de Publicações
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150 – 4^o andar
22290-180 – Rio de Janeiro, RJ
Brasil
E-mail: socorro@cbpf.br/valeria@cbpf.br
http://www.biblioteca.cbpf.br/index_2.html

Requests for copies of these reports should be addressed to:

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
Área de Publicações
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150 – 4^o andar
22290-180 – Rio de Janeiro, RJ
Brazil
E-mail: socorro@cbpf.br/valeria@cbpf.br
http://www.biblioteca.cbpf.br/index_2.html